



Le roman français et l'histoire du Brésil. Essai sur l'exotisme littéraire.

Teresa-Cristina Duarte-Simoes

► To cite this version:

Teresa-Cristina Duarte-Simoes. Le roman français et l'histoire du Brésil. Essai sur l'exotisme littéraire.. Caravelle. Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien, Presses Universitaires du Mirail, 2008, pp.280-284. <halshs-00429681>

HAL Id: halshs-00429681

<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00429681>

Submitted on 3 Nov 2009

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

- Régis TETTAMANZI, *Le Roman français et l'histoire du Brésil. Essai sur l'exotisme littéraire* – Paris, L'Harmattan, 2007, 276 p.

O autor, professor universitário ("maître de conférences") de literatura francesa do século XX e membro associado do "Réseau Pôle Brésil", interessa-se pela representação do Brasil na literatura francesa contemporânea. Ele pretende neste livro refletir sobre o gênero do romance histórico a partir do exemplo brasileiro, bem como analisar as representações do Brasil através do ponto de vista do romance histórico. Estudou para tanto treze romances que pertencem a esse gênero, doze editados na França e um na Suíça: *Aventures et embuscades* de Gabriel de La Landelle (R. Haton, 1883); *Bois rouge* de Jean-Marie Touratier (Galilée, 1993), *Corcovado* de Jean-Paul Delfino (Editions Métailié, 2005), *Le Dictateur et le hamac* de Daniel Pennac (Gallimard, 2003), *Dans l'ombre du condor* de Jean-Paul Delfino (Editions Métailié, 2006), *L'Exposition coloniale* de Erik Orsenna (Seuil, 1988 e Point 1990), *L'Idole* de Adrien Delpech (R.Brumauld éditeur, 1930), *Je suis l'empereur du Brésil* de Jean Soublin (Seuil, 1996), *La Mission des frontières* de Gilles Lapouge (Albin Michel, 2002), *Nicolas de Villegagnon ou l'utopie tropicale* de Serge Elmalan (Lausanne, Favre, 2002), *Rouge Brésil* de Jean-Christophe Rufin (Gallimard, 2001/Folio, 2004), *Samba triste* de Jean-Paul Delfino (Editions Métailié, 2007) e *Valet d'aventure* de Gilbert Pastor (Balland, 1990). A maior parte desses escritores viveu ou trabalhou no Brasil e possui um bom conhecimento da língua e da cultura do país.

O autor lembra que esse tipo de romance é característico do final do século XX e do início do século XXI. Antes dessa época, a história brasileira aparecia somente nos relatos de viagem ou em certos ensaios, sem constituir assunto de romance. Entretanto, o gênero do romance histórico apresenta dois pontos delicados : a relação entre verdade e ficção e a dialética sutil entre passado e presente. Queira ou não queira, o romance histórico fala tanto da

época passada que daquela em que foi escrito, o que Jean-Christophe Rufin afirma claramente no posfácio do seu livro *Rouge Brésil*. Assim, retratar o Brasil do século XVI, em 2000, é também falar da França daquele momento.

Quatro obras tratam da França Antártica, aventura excepcional liderada por Nicolas Durand de Villegagnon em 1555-1560, no lugar da futura cidade do Rio de Janeiro. Se o romance de Jean-Christophe Rufin é o mais conhecido sobre esse assunto, ele não foi o primeiro a tratar dessa expedição fracassada pois *Le Valet d'aventure* de Gilbert Pastor e *Bois rouge* de Jean-Marie Touratier já tinham relatado essa primeira tentativa de instalação francesa na colônia portuguesa. Por outro lado, esses autores não hesitam em citar as fontes que os inspiraram: Jean de Léry, André Thevet, Nicolas Barré (o piloto da expedição) e até mesmo Montaigne em *Essais* e particularmente no capítulo *Des cannibales*. Jean-Christophe Rufin vai além das fontes primárias, citando igualmente o especialista atual do assunto, o pesquisador Frank Lestringant.

La Mission des frontières de Gilles Lapouge vai se interessar pelo século XVIII : expedição na floresta amazônica com a finalidade de erigir um padrão para marcar a fronteira entre as monarquias portuguesa e espanhola. *Aventures et embuscades* de Gabriel de La Landelle situa igualmente a ação no mesmo século : portugueses expulsos da Europa vão colonizar terras no interior do Brasil, perto do rio São Francisco, enquanto que na metrópole assiste-se à tomada de poder pelo marquês de Pombal e ao reino de D. João V.

Dois livros conduzem o leitor através do século XIX: as memórias do imperador D. Pedro II, escritas por Jean Soublin (*Je suis l'empereur du Brésil*) e a transição do Brasil-colônia ao Império, proposta por Adrien Delpech, que foi tradutor do grande escritor realista Machado de Assis (*L'Idole*).

Cinco romances têm como pano de fundo o século XX: *L'Exposition coloniale* de Erik Orsenna que trata, entre outros assuntos, do ciclo da borracha na Amazônia; *Le Dictateur et le hamac* de Daniel Pennac cuja ação é situada em boa parte no estado nordestino do Piauí; e três livros de Jean-Paul Delfino:

Corcovado que narra o momento da edificação da estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro dos anos 20 e *Dans l'ombre du condor* e *Samba triste* que vão retratar o período da ditadura militar (1964-1985).

O autor observa, no entanto, que a história brasileira do século XVII, não parece ter interessado, até agora, os escritores franceses. A grande épopéia dos bandeirantes paulistas que ultrapassaram a linha do Tratado de Tordesilhas, aumentando o território da então colônia portuguesa não inspirou nenhuma obra. Como também não inspirou a segunda e também fracassada tentativa de colonização francesa em São Luís do Maranhão, bem documentada, porém, pela obra de Claude d'Abbeville e de Yves d'Evreux. Há uma alusão desse evento no livro de Lapouge, sem constituir, no entanto, o assunto do romance.

Uma das questões colocadas por Tattamanzi é a da linguagem: como fazer falar, num romance histórico escrito nesses dois últimos séculos, personagens do século XVI ou do século XVIII? Finalmente, tudo é representação, conclui o autor, do ponto de vista linguístico, qualquer romance histórico é artificial, mesmo se a distância linguística é menor nos romances cuja ação se passa nos séculos XIX ou XX. E cada autor estudado compõe seu romance de forma pessoal: Jean Soublin, por exemplo, não usa nenhum termo contemporâneo, não comete nenhum anacronismo linguístico: todas as palavras pertencem à época do imperador D. Pedro II. Quanto a Jean-Christophe Rufin, sua técnica consiste em acostumar aos poucos o leitor a uma certa língua e a uma certa época. Mesmo se o discurso dos personagens é contemporâneo, certos termos evocam uma época que já passou ("malandrin", "pendard", etc...). Outros autores têm preferência pelo anacronismo linguístico, empregando palavras de gíria ou bastante populares ("ça", "fichus dedans", etc...).

Outra questão que surge no livro é o problema da tradução ou não das palavras brasileiras. Gilles Lapouge adota uma posição radical e não traduz nenhuma dessas palavras, enquanto Adrien Delpech tende às vezes a traduzir quase tudo, até mesmo as canções e os nomes das ruas de Rio, e outras vezes, a

deixar os nomes em português, numa espécie de ir e vir entre o que está próximo e o longínquo, obrigando o leitor a ajustar o seu ponto de vista continuamente.

No que diz respeito às estruturas narrativas dos romances estudados, o autor vai se interessar pela forma através da qual o leitor vai entrar na ficção histórica e como vai sair dela. A inscrição no tempo e no espaço (data e lugar) é um aspecto importante desta questão. Às vezes, uma menção escrita desempenha esse papel, noutras um acontecimento bem conhecido de todos encarrega-se disso, por exemplo, a final da Copa do Mundo, no estádio do Maracanã, entre o Brasil e o Uruguai, em junho de 1950. Como conclusão, o romance pode terminar com a aventura sempre no passado ou voltar para o presente. A trilogia de Jean-Paul Delfino e o livro de Daniel Pennac adotam essa última solução e, no final, levam o leitor para o momento em que escreveram e publicaram a história.

Por outro lado, o autor lembra que a maior parte dos romances franceses sobre a história do Brasil são, de fato, romances de aventura e que os personagens dessas aventuras enquadram-se em categorias bastante simples: a grande personalidade, o herói anônimo, os marginais, as forças coletivas. Se excetuarmos o Imperador de Jean Soublin e o cavaleiro de Malta de Serge Elmalan, os personagens principais desses romances são pessoas anônimas: órfãos, valete, jovens intérpretes, estivador marselhês, etc... tendência que coincide aliás com a de certos historiadores contemporâneos. De uma forma geral, os personagens principais são franceses, com exceção do livro de Gilles Lapouge que propõe figuras de brasileiros.

Uma das principais características do romance histórico focalizado sobre o Brasil é uma certa tensão permanente: por um lado, a reflexão sobre a história do país tende a afastar os estereótipos existentes; por outro, o exotismo inerente ao Brasil acaba sempre por reproduzir as mesmas imagens já fixadas: sensualidade, despreocupação, etc...

Por outro lado, o autor salienta os numerosos anacronismos significativos e assumidos que aparecem nos livros, não sem antes classificá-los em duas categorias : os momentâneos, que são somente mencionados pelo autor do romance, e os que beneficiam de um tratamento mais aprofundado. Na primeira categoria, por exemplo, encontra-se a palavra "travesti" empregada por um pastor de *Rouge Brésil*, cuja referência parece ser mais o Bois de Boulogne que os antigos habitantes da baía de Guanabara... Ou então a apresentação dos Tupinambás como precursores do *piercing*... Quanto aos anacronismos mais desenvolvidos, a questão urbana com sua concentração de população, miséria e violência, aparece em vários livros e não somente nos que tratam de assuntos do século XX.

Todos esses romances sobre o Brasil têm um ponto em comum: contestam uma visão etnocêntrica das relações entre os povos e as culturas. Conseqüência disso, uma certa fascinação pela figura do transfúgio, de forma geral um europeu à procura de um outro mundo e que passa do outro lado, tornando-se, no caso dos romances sobre o Brasil, índio ou brasileiro. O canibalismo constitui a última fronteira, pois a partir do momento em que o europeu o pratica, ele rompe definitivamente com a identidade que antes possuía. Nenhum livro, porém, dos quatro cuja ação se situa no século XVI, propõe um herói indígena, mesmo se *Rouge Brésil* dá uma grande importância à descrição dos índios brasileiros. Quanto ao negro, ou ele aparece somente como escravo nas narrativas se situando antes da abolição em 1888 (La Landelle, Delpech); ou como mero componente da sociedade brasileira, após essa data. Quase nunca o negro aparece enquanto personagem principal do romance. Por outro lado, Lapouge é um dos raros autores a abordar o assunto dos quilombos.

Do ponto de vista geográfico, a cidade do Rio de Janeiro impõe-se de forma definitiva, não somente nos quatro romances que têm por palco o Brasil do século XVI, como também na biografia de D. Pedro II, evidentemente, assim como na trilogia de Delfino e na obra de Delpech. O Nordeste brasileiro é a

segunda região preferida pelos escritores de língua francesa, com uma menção particular aos estados do Ceará, Maranhão e Piauí, nos romances de Lapouge e Pennac. La Landelle permanece igualmente nessa região, porém no interior das terras e mais ao sul, perto do rio São Francisco. A Amazônia é o lugar preferido de Lapouge e Orsenna. Mas a partir dessas regiões, há muitas vezes deslocamento dos personagens, por exemplo no caso do monarca D. Pedro II, que muito viajou por outras regiões brasileiras e até mesmo por outros países.

É no livro *Corcovado* que as alusões à história brasileira são mais numerosas : o arrasamento do Morro do Castelo e a revolta do forte de Copacabana em 1922, a chegada de Getúlio Vargas ao poder em 1930, a construção da estátua do Cristo Redentor em 1931 e até mesmo algumas referências a um passado mais longínquo com Caramuru, Aleijadinho e outras figuras da civilização brasileira.

O autor salienta que os estereótipos sobre o Brasil persistem : vida desregrada dos padres no Brasil colonial, presença significativa da prostituição francesa no Rio dos anos 1920, e, sobretudo, os clichês principais, associando o brasileiro ao erotismo e mostrando-o em geral, como uma pessoa inconstante, até mesmo um pouco afastada da razão. Apesar disso, de uma forma geral, todos esses romances transmitem uma imagem positiva do Brasil, mesmo se ela é forçosamente ambivalente pois reflete e constrói uma representação do passado, ao mesmo tempo em que cristaliza também uma representação do presente, por meio de anacronismos ou violentos choques cronológicos.

O autor separa os romances em dois grupos distintos: os bastante tradicionais que englobam a grande maioria, e um trio de romances mais modernos, ou seja, os de Lapouge, Orsenna e Pennac, plus originais quanto à forma e nos quais a história brasileira faz parte de uma reflexão mais geral. Para o autor, tirando *L'Exposition coloniale*, *Le Dictateur et le hamac* et *La Mission des frontières*, todos os outros romances sobre o Brasil podem ser classificados, do ponto de vista literário, como romances do século XIX. Estão mais próximos

de Balzac, Flaubert ou Stendhal do que de Faulkner, Musil ou Proust: contam a história de forma tradicional, sem ir contra a forma romanesca. No final do livro, o autor afina ainda mais essa proposta, efetuando uma última divisão em três categorias do conjunto de livros: primeiramente, autores como La Landelle e Delpech, que não contestam o determinismo histórico nem o sentido da História; em seguida, Soublin, Delfino e os quatro escritores da França Antártica que contestam esses dois pontos, sem no entanto modificar a narração; e um último grupo formado por Lapouge, Orsenna e Pennac, que admite tudo isso e que chega até mesmo a modificar a forma de narração do romance.

A análise de Régis Tettamanzi dialoga profundamente com o gênero histórico e levanta questões essenciais quanto ao romance francês tratando da história do Brasil. Cada ponto levantado por ele justificaria, por si só, um desenvolvimento mais aprofundado. Por exemplo, a questão da língua, que, aliás, já foi também colocada no cinema, originando respostas bastante originais: por exemplo, no filme histórico *Spartacus* (Stanley Kubrick, 1960), os governantes romanos falam em inglês britânico, enquanto que os escravos têm sotaque dos Estados Unidos ; no filme *A Paixão do Cristo* (Mel Gibson, 2004), pela primeira vez na história do cinema, Cristo fala em aramaico.

Por outro lado, a questão da delimitação do corpus interroga com insistência o leitor de Régis Tettamanzi. Com a inclusão do livro de Serge Elmalan, publicado na Suíça, o autor leva a « literatura francesa » que pretende estudar para fora das fronteiras da França, ao mesmo tempo que deixa pairar no ar a pergunta inevitável : e nos outros países de língua francesa, não há nenhum outro escritor francês que tenha também publicado um livro histórico com assunto brasileiro?

* * *